

Churrascarias: Redes gastronômicas e sociais¹

Autor: DEMICHEI, Neudy Alexandro.²

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos.³

Palavras-chave: Churrascarias, Redes de solidariedade, Migração, Globalização.

Introdução

Vivenciamos um período em que as relações capitalistas cada vez mais estão postas no território sob a forma de concorrência e competitividade. Isso acontece dentre às empresas e dentre às mercadorias, e naqueles que buscam adentrar espaço no mercado de trabalho.

Como consequência da competitividade, temos a busca da especialização e padronização por/dos trabalhadores que procura possibilitar a inserção destes no mercado de trabalho cada vez mais concorrido. Nesse sentido, procuramos compreender se os vínculos sociais de afetividade, de amizade, de parentesco perdem importância, não influenciam mais (ou muito pouco), ou se eles continuam presentes no estabelecimento das relações de trabalho.

No entanto, reduzir as relações de sociabilidade apenas às relações de trabalho é realizar uma leitura meramente econômica, não considerando os vínculos simbólicos e culturais que existem, mesmo em uma sociedade capitalista como a nossa, em que a principal finalidade das empresas está na busca de lucro.

Na procura de compreensão de tais questionamentos sobre os processos de mudanças, buscamos analisar e compreender a formação de redes de solidariedade ligadas ao trabalho, tomando como estudo a possível formação de uma rede migratória ligada ao trabalho em/com churrascarias.

Assim, acreditamos que duas categorias merecem ser enfocadas. De um lado a globalização e de outro o sujeito⁴. Sobre a globalização, a importância se deve à possibilidade de auxiliarmos a compreender a política, a economia, as relações sociais e culturais do capitalismo, indo além do mundo dos negócios⁵.

Quanto ao sujeito, se torna importante categoria a partir da desconstrução de centros e fronteiras, proporcionadas pela idéia solapadora de um mundo sem fronteiras. Nesse momento de *descentração*, surge o interesse e a necessidade pelo sujeito, como as questões de gênero, ligadas a chamada onda feminista e/ou à necessidade de uma referência para a compreensão dos processos sociais.

Assim, podemos colocar já de antemão que a globalização se refere à estrutura macro dos discursos enquanto o sujeito se refere à estrutura micro da compreensão do funcionamento das sociedades. Isto porque entendemos o sujeito como uma construção social, fazendo-se presente o entendimento do que gira ao seu redor e influencia em sua construção, como o processo de trabalho.

Se a globalização descreve como processo moldado por forças político-econômicas e por forças culturais associadas de maneiras distintas; não podemos entender o sujeito sem entender a globalização (HARVEY, 2006). E se a globalização tem a ver com as relações socioespaciais entre bilhões de sujeitos, esta também não pode ser entendida

¹ Parte integrante da dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aluno de graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Prof. Dr. do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e orientador da pesquisa.

⁴ O termo sujeito é empregado numa perspectiva moraniana. MORIN, Edgar. Cabeça bem feita (2006).

⁵ Sabemos da dificuldade de conceituar e estabelecer um marco para o termo globalização. No decorrer do trabalho apresentamos o nosso entendimento sobre o mesmo.

sem o sujeito, o que estabelece a necessidade de ligação entre a categoria sujeito e categoria globalização para a compreensão das relações sociais.

Projetamos no presente trabalho a discussão da relação globalização - sujeito como forma de entendimento da sociedade através da formação de redes sociais e as transformações ocorridas nessa relação pelas exigências do capitalismo.

A perspectiva do conceito rede está ligada, ao nosso entendimento, deste ser fundamental em tempos de globalização, no processo de interação, mediação e inserção/exclusão dos sujeitos no sistema capitalista.

Churrascarias: uma perspectiva de redes

Desde os primórdios da humanidade, o ato de se deslocar é comum entre os sujeitos. O deslocamento da população acontece em diferentes escalas espaciais ao longo do tempo influenciado por diversos motivos, como a busca por um território, a fuga de perseguições étnicas ou religiosas, a procura por melhores oportunidades de trabalho ou pelo simples ato da mobilidade. No entanto, qualquer um dos motivos influencia no Espaço Geográfico, promovendo a aproximação dos diferentes e o conhecimento do desconhecido, facilitado atualmente pelo avanço tecnológico.

Como um dos resultados desse fenômeno, a aproximação de diferentes culturas tem proporcionado ao capitalismo a apropriação deste segmento e a sua conseqüente transformação em mercadoria, trazendo novos ritmos de modificações na formação do Espaço Geográfico.

Como exemplo desse processo acreditamos ser possível, neste momento textual, inserir as redes de churrascarias distribuídas por diversos locais, responsáveis pela difusão de um 'prato' alimentar típico do gaúcho, o churrasco. As churrascarias parecem ser um exemplo da apropriação de um hábito alimentar pelo viés econômico e sua conseqüente transformação (mutação), tem a finalidade de se inserir em territórios possuidores de culturas diferenciadas,

Por outro lado, frente às churrascarias como suposição, neste momento, de redes estratégicas empresariais, dentro da nova lógica capitalista de flexibilização do mercado e do capital, concebemos as redes como fenômeno de outra natureza social, a de redes de solidariedade, sendo agentes participantes no processo de mobilidade de pessoas para novos locais.

Para tanto, compreendermos a constituição de uma rede migratória ligada ao trabalho em/com churrascarias, é necessário pontuarmos nosso entendimento sobre o conceito de rede e sua importância na formação do Espaço Geográfico.

Essa forma de pensar a organização do/no espaço geográfico (social, econômica, política e cultural) nos aproxima da perspectiva reticular, estendida, de movimento, e não mais areal, de fechamento, de defesa, algo que aprofundaremos adiante.

No entanto, para chegarmos à compreensão do conceito rede, e conseqüentemente da sociedade e do espaço geográfico, é necessário buscarmos o desenvolvimento conceitual, que tem cada vez suscitado discussões quanto ao seu emprego. Conforme a área do conhecimento, o conceito de rede é empregado para diferentes fins. Na economia, as redes financeiras, de mercado; nas ciências sociais, as redes de solidariedade; nas ciências médicas, a rede de vasos sanguíneos, a rede de sistema nervoso; e assim sucessivamente.

Segundo Dias (1995, p. 141), "toda a história das redes técnicas é a história de inovações que, umas após as outras, surgiram em respostas a uma demanda social antes localizada do que uniformemente distribuída", e que, a partir de tais inovações temos a reconfiguração do mundo, como a de nossa época, onde as distâncias tendem a se contrair e se anular pelo fato da instantaneidade das transmissões, e as informações produzidas a cada segundo são tratadas e encaminhadas num tempo cada vez mais reduzido.

Em diferentes áreas do conhecimento, como também na Geografia, temos o questionamento e a discussão do conceito de rede voltado às novas dinâmicas espaciais que

se consubstanciam no mundo, dentro do processo de globalização⁶. Sendo assim, as redes passam a objetivar uma leitura do espaço geográfico não mais enquanto caráter técnico, mas sim de entendimento das relações sociais⁷, isto porque a rede, conforme Raffestin (1980) é um instrumento de poder.

Quanto ao nascimento do conceito atual de rede, voltado à organização e gestão do espaço e do tempo, a rede passa a ter um papel importante na formação e compreensão dos processos sociais, relacionada à nova perspectiva de organização espacial de forma reticular, e não areal. Hoje podemos mencionar que o mundo é uma rede, que cresce, se espalha, engloba novas áreas, estando em toda a parte, onde parece não existir nenhum ponto da superfície sem a influência das redes. No entanto, temos a clareza de que as redes chegam e atuam de forma diferente entre os locais, estando alguns mais conectados do que outros, bem como a existência da diferenciação social de inserção nas tessituras da rede.

Observamos que a influência das redes sobre o mundo é desigual, onde o processo interno também apresenta contradições, uma vez que são circulação e controle. A partir da contradição do diferente nível de inserção, a sociedade se estabelece e se organiza no território. Isto porque, afirmar que a rede permite a comunicação e a circulação igualitária entre os sujeitos e os lugares é demasiada e tendenciosa, pois, se assim compreendermos, as redes significam a redução das diferenças sociais.

Trazendo a construção do conceito de rede para o questionamento proposto, as redes ligadas ao estágio atual de globalização atuam de duas formas com/na relação espaço-tempo. De um lado, elas podem diminuir o tempo de deslocamento físico entre os lugares e as distâncias sociais entre os sujeitos. Por outro, podem afastar sujeitos e lugares que se encontram fisicamente próximos, já que a partir da globalização são criadas barreiras, principalmente, quando falamos da inserção global. Fato que devemos, aos vários caminhos oferecidos pela rede, “pois a rede é mais que a máquina, porém menos que o vivente, mais que o linear, porém menos que o hipercomplexo; mais que a árvore, porém menos que a fumaça” (MUSSO, 2004, p.30).

Assim, para nós a rede é um elemento e uma estrutura no entendimento e na construção da sociedade, mas não é a sociedade. Precisa ser pensada enquanto espaço e tempo, pois é mais do que uma técnica de organização do território; é uma forma de organizar o espaço sempre em movimento, é um contínuo, uma transição. Com isso, no território as relações de poder instituídas estão em constante passagem, visto que a globalização se consiste na circulação de fluxos, a partir de uma espacialização em rede.

Num mundo em processo de globalização cada vez mais desordenado pelos fluxos de diversas naturezas que alimentam redes de todo tipo, temos a multiplicação de territórios em rede.

Apesar de nunca ter existido organização social sem redes (sejam sociais em sentido estrito ou físicas), é sob a globalização que elas dominam, com novas capacidades e ritmos, fazendo com que ocorra uma difusão crescente de fluxos imateriais. (HAESBAERT, 2004, p.295)

Nesse sentido, através da conexão da descontinuidade, surgem novas perspectivas de entendimento do conceito de território, o que leva conseqüentemente a novas compreensões da sociedade, numa noção de redes, numa abordagem de território reticular.

Trazendo tais contribuições para a nossa pesquisa, nos remetemos organizações que ocorrem em rede: redes de solidariedade. Pensando a rede de solidariedade, direcionada a discussão sobre as churrascarias como centros de acolhimento de jovens advindos de áreas rurais do município de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo no *novo* espaço, os centros urbanos.

⁶ Castells (1999), Santos (2004), Villasante (2002), Dias (1995).

⁷ Não deixamos de compreender as redes técnicas também como uma ação social sobre o território.

Dessa maneira, temos como uma das inquietudes a idéia de que o processo de expansão das churrascarias está relacionado à perseguição do capital, quando trabalhadores deixam as áreas rurais em que residem em direção aos centros urbanos, na procura de ascender socialmente, originando as redes de mobilidade social.

Direcionando-nos à perspectiva de *espaços* de acolhimento, os deslocamentos populacionais têm causado ao longo do tempo reordenações espaciais, visto que tais fluxos não são contínuos no tempo e muito menos no espaço. Assim, “[...] a cada nova ordem política mundial correspondeu uma nova ordem econômica com a emergência de novos fluxos demográficos” (BECKER, 1997, p.319). Pois bem, tal apontamento nos permite dizer que os movimentos populacionais não podem ser concebidos como decorrentes da decisão pessoal dos sujeitos de saírem de um lugar para outro, numa perspectiva neoclássica; mas sim a de que tais mobilidades estão ligadas à necessidade e a busca de capital, concepção (neo) marxista. Compreendemos que os movimentos populacionais são concebidos pela perseguição de capital, no objetivo de ascender socialmente, que leva os sujeitos a se deslocarem em busca de tal objetivo.

Pensamos neste momento textual, que a mobilidade de jovens dos municípios por nós estabelecidos em direção aos centros urbanos para trabalharem em churrascarias está atrelado à busca de novas perspectivas econômicas e sociais, constituindo-se as churrascarias uma perspectiva de *espaços* de acolhimento para esses migrantes.

Esse processo de mobilidade social impulsionado e/ou entre-laçado pelas churrascarias parece se consubstanciar num conjunto de modalidades pelas quais um grupo social compreende como a possibilidade de ocuparem novos locais. Objetivamos compreender se as redes de mobilidades sociais são proporcionadas pela mobilidade/oportunidade do trabalho, pois como mencionado antes, a perseguição do capital é um dos condicionantes (não o único) para a migração de trabalhadores do espaço rural para o espaço urbano.

Assim, compreendemos no presente momento que a formação de redes de solidariedade em torno das churrascarias são estruturas possibilitadoras de transformação do espaço geográfico, intensificadas no atual estágio vivido pela sociedade. Dessa maneira, se faz presente a compreensão do espaço geográfico e a atuação da globalização sob este.

A migração nos municípios de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo e a (re)construção do espaço geográfico.

Procurando realizar uma leitura da mobilidade social dos sujeitos de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo, não apenas numa abordagem econômica (perseguição do capital), mas como ela acontece/reconstrói no/o espaço geográfico a partir do caráter político, cultural e econômico estabelecidos, buscamos inicialmente resgatar os processos que levaram/levam a saída de sujeitos jovens destes lugares para trabalhar em churrascarias em diversos locais do Brasil e do exterior.

Dessa forma, a primeira inquietude que surge é quanto ao motivo que levou os sujeitos a emigrarem de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo.

É sabido que a partir da segunda metade do século XX, começa no Brasil um significativo êxodo rural de trabalhadores do campo em direção a cidade, movidos primeiramente, pela crise do café na década de 1930, passando pela dinamização da industrialização, nas décadas posteriores.

Já, na década de 1960 - 1970, com o processo de modernização da agricultura provocado pela capitalização do campo e a acentuação da urbanização, temos o aprofundamento do movimento da população rural – urbana, resultando na concentração demográfica nas grandes cidades do país, em especial na Região Sudeste.

No que diz respeito ao Rio Grande do Sul,

O setor rural tem sentido a redução de seu efetivo populacional desde a década de 1950, quando acentuou-se o processo de urbanização, pois enquanto a população

urbana crescia 71,9%, a rural sofria um acréscimo de apenas 9,5%. Desta década em diante o crescimento da população urbana sempre foi superior ao crescimento da população total do Estado, enquanto que a população rural mostra um crescimento cada vez menor, chegando a apresentar um decréscimo de 19% na década de 1970. (MEDEIROS, 1988, p.11).

Entendemos que o êxodo rural é caracterizado pela saída do sujeito do espaço rural em direção ao espaço urbano, a partir de um processo de expulsão. Destaca-se nas décadas de 1970 e 1980, onde os sujeitos estavam movidos, por um lado, pela busca de melhores condições de vida, oportunidade de empregos, acesso a saúde, lazer e estudos⁸. Por outro, pelas dificuldades encontradas na agricultura familiar pela disponibilidade de pouca terra em detrimento da modernização e reconcentração fundiária em grandes propriedades, que somadas ao desestímulo da continuidade das atividades agrícolas de geração para geração, onde os filhos sucediam os pais no trabalho e na continuidade das atividades, passando nos últimos anos as questões referentes a sucessão a preocupar, sendo mais um agravante para a efetivação das transformações que impactaram/impactam a agricultura familiar.⁹

As colônias, localizadas no Rio Grande do Sul na região nordeste, foram historicamente a última área colonizada do estado, mais especificamente após o Brasil tornar-se República. Aqui os dirigentes da época, de cunho positivista, reforçaram a vinda de imigrantes europeus para o país, uma vez que a prática do escravismo havia sido proibida. Os imigrantes, alemães (a partir de 1824) e italianos (a partir de 1875), fixaram-se junto à borda do Planalto Meridional, como nos vales do Rio Taquari, onde estão localizados os municípios de Nova Bréscia e de Coqueiro Baixo.

Figura 1.



Fonte: Neudy Alexandro Demichei

Aqui,

⁸ Vale aqui destacar um questionamento que fazemos referente à tese utilizada e apontada como um dos responsáveis pelo processo de urbanização. Falamos da atração das cidades sobre a população residente no campo pela variedade de oportunidades e melhores condições de vida naquelas. No entanto, de que oportunidades estamos falando, já que uma massa de sub-proletariado se acumulava/acumula nas aglomerações urbanas?

⁹ Sobre o entendimento sucessão, dividimos em três questões: a transferência do patrimônio, a continuidade da atividade profissional e a saída da geração paterna do comando (ABRAMOVAY, 2001).

A imigração, produto da tensão social gerada pelo excedente populacional sem terra e sem trabalho, decorrente do processo de desenvolvimento da economia européia, também foi um fator importante nas alterações [e diferenciação] espaciais, ainda hoje presentes na geografia do Rio Grande do Sul. (HAESBAERT, 1993, p.60.).

Isso, porque temos o setor nordeste do Rio Grande do Sul, que se estrutura a partir da imigração e formação de áreas coloniais, estrutura fundiária em pequenas propriedades agrícolas policultoras, que vem a favorecer a instalação do comércio através da venda de seus produtos para outras áreas do estado e do país. Em outra parte, temos as áreas de campos, as primeiras a serem povoadas, realizadas por luso-brasileiros, estruturada em grandes propriedades, os latifundiários, sendo marcante a presença da monocultura com base em atividade agropastoril.

Com a fixação na encosta do Planalto Meridional, os agricultores aprenderam a executar os trabalhos agrícolas, em sua maioria manualmente. Devido à topografia, um agente dificultador para a utilização de maquinários agrícolas e a própria falta de condições econômicas, para que pudessem adquirir algum tipo de implemento agrícola, necessitando grande emprego de mão de obra nas propriedades; estão entre os motivos para as famílias possuírem vários filhos, uma vez que nas áreas de domínio de minifúndio, o fator força predomina sobre os fatores capital e terra, sendo o trabalho familiar e a produção diversificada, com tamanho médio de 14 ha¹⁰. Nesse sentido,

[...] com a migração e o fracionamento por sucessão hereditária, esses minifúndios tornaram-se ainda menores, havendo áreas, hoje com propriedades agrícolas em torno de 5 ha, dimensão incapaz para o sustento de uma família que utilize métodos tradicionais. (HAESBAERT, 1993, p.73).

Como consequência, temos as propriedades entrando em declínio econômico.

Com exceção das duas lavouras capitalistas [trigo e arroz], o restante da agricultura do Rio Grande do Sul vinha sendo praticada em moldes tradicionais, com intenso uso de mão-de-obra e elevado desgaste dos solos. Além disso, o próprio crescimento demográfico da zona colonial vinha ocasionando uma contínua pressão no uso do solo, o que se desdobrava em queda de fertilidade. (HEIDRICH, 2000, p.103).

A partir dos condicionantes que levam à diminuição da produtividade agrícola, tornando-as, em muitos casos antieconômicas, os sujeitos vêem-se obrigados a buscar novas atividades que lhes proporcionem melhoras sociais.

Assim, detendo-nos a área de estudo, a “expulsão” de grande parte da mão de obra parece estar imbuída de fatores que vão além da teoria da modernização do campo. À escassez de terras em relação à mão de obra disponível, pois as famílias eram compostas por elevado número de filhos, as propriedades estruturadas fundiariamente em pequeno porte, mais o agravante da baixa produtividade, levam a saída dos sujeitos em direção a outros lugares.

Procurando explicar esta situação demográfica partimos para a pesquisa *in loco*. Baseados numa perspectiva de pesquisa qualitativa, buscamos compreender e analisar a realidade segundo concepções ontológicas e gnosiológicas, isto é, uma metodologia que possibilite a interpretação de informações de modo mais amplo que o simples dado objetivo. Através desta, podemos observar a presença de alguns elementos imbricados na diminuição da população total e da população rural, como a mobilidade espacial, ou seja, a emigração de sujeitos do lugar para outros lugares.

¹⁰ Medeiros (1988) baseada em Kuchemann (1980).

Na década de 60, a cidade tinha mais ou menos 11 mil habitantes, a maioria na zona rural, lutando contra os terrenos montanhosos, as picadas imprevisíveis nos meses de inverno e a força indomável da prodigiosa natureza. Hoje [1995], a cidade tem 5.147 habitantes, mais de 10 mil brescienses estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo dedicando-se a outras atividades e destacando-se, principalmente, no ramo de churrascarias e restaurantes. (PARLA BRÉSCIA, 1995, p.5).

Visualizado a existência da emigração de sujeitos no município de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo, o próximo questionamento que se faz presente é quanto às atividades que eles foram realizar no novo local, e como chegaram a ele?

Para tal entendimento é preciso buscar o início do processo de emigração no município. Igualmente ao resto do Rio Grande do Sul, Nova Bréscia começa a vivenciar a saída de sujeitos. Porém, num primeiro momento é importante a visualização de um processo que aconteceu em Nova Bréscia anterior a emigração.

Quem não se lembra do ajuntamento dos caminhões de balas e bolachas nas festas brescienses ou diante do posto do Laudir? Alfredo Zambiasi (1924 – 1988) foi um dos pioneiros. Movido pelo espírito de aventura e pelo desejo de conhecer o Rio Grande do Sul, vendeu o bar, onde vendia sorvetes e picolés, e adquiriu um caminhão para comercializar balas. Em 1955, construiu um prédio e instalou a primeira indústria brescience: Fabrica de bolachas Elite, que também fabricava pirulitos e mandolates. Com o tempo outros contemporâneos também adquiriram caminhões e se tornaram caixeiros viajantes. (PARLA BRÉSCIA, 1995, p.36).

A partir da metade do século XX, um número de sujeitos brescienses resolveu voltarem-se às atividades com caminhões, inicialmente, no transporte e venda de balas e doces, pois as atividades que realizavam não lhes eram suficiente na geração de renda. Assim, o trabalho com caminhões surge como uma oportunidade frente às dificuldades encontradas, constituindo uma nova atividade no município.

Segundo Dialva Maria Martini Fontana, Professora de Geografia e vice-diretora da Escola Estadual Nova Bréscia,

[...] aqui, foi uma coisa muito intensa ali na década de 70, 75, por aí. Aí eu não sabia o motivo exatamente disso, de muitos caminhoneiros que viajavam para Bahia, para São Paulo, né? E era um pessoal mais de *cultura baixa*, na verdade, que fazia essas viagens. Era um pessoal que tinha ali para Coqueiro Baixo. Então esses senhores viajavam para lá e na época ocorreu a crise do petróleo, uma certa crise no país como um todo. Eles mesmos, em grande parte, em muitos lugares, sabiam onde tinha uma churrascaria, uns locais que eram mais movimentados, onde eles paravam. O que eles fizeram? Venderam os caminhões e compraram essa churrascaria. E levaram o pessoal daqui para ajudar.

Existiam no período de 1970 sujeitos residentes em Nova Bréscia e Coqueiro Baixo que realizavam de caminhão o traslado para outros estados. O termo *cultura baixa* está ligado aos sujeitos moradores do espaço rural, com baixo nível de escolaridade e que se voltaram à atividade com caminhões para escoarem a produção local e trazerem produtos para abastecerem o comércio local. O fato de muitos caminhoneiros residirem no espaço rural está ligado à necessidade dos sujeitos ali localizados de se envolverem com outras atividades além da agricultura, devido a pouca disponibilidade de terra dada a elevada pressão demográfica, com a baixa renda extraída da terra, obrigava os sujeitos a buscarem alternativas econômicas.

Assim, de um lado, a necessidade de sujeitos que se submetem a viagens para outros estados para levar a produção local e trazer produtos para abastecer o mercado interno; e de outro, o excedente de mão de obra no espaço rural, são condicionantes para a constituição de caminhoneiros uma vez que segundo o Professor Alcides Caumo,

Aqui em Nova Bréscia tinha vários daqueles caminhões, inclusive o pessoal daqui que trabalhava na própria construção de Brasília. Saíram daqui pra puxar madeira naquela região. Até mesmo de Coqueiro Baixo eu me lembro de caminhoneiros que puxavam suínos daqui a São Paulo. Sabe o que é botar, carregar um caminhão de porco e levar pra São Paulo? E esse pessoal todo conhecia todos estes restaurantes de beira de estrada daqui a São Paulo mais especialmente. E aos que iam até Brasília participaram todos na construção, puxar madeira e tal. E, mais adiante, deu um problema da questão do frete. Começou a surgir o que? As transportadoras. A dificuldade do caminhoneiro, do proprietário do caminhão, assim, de ter um caminhão particular. Ele começou a enfrentar com o frete baixo porque surgiram as transportadoras que se “adonaram” do mercado e a grande maioria daqui começou a ir mal. Não compensava o frete daqui a São Paulo. E foi e foi que a turma começou a enfrentar dificuldade e tiveram que abandonar o caminhão, como aconteceu a muitos aqui em Nova Bréscia. Abandonando o caminhão, o pessoal que já há vários anos tava viajando ele não tinha mais um interesse... Como dizer? Vamos voltar para roça.

A partir da fala, observamos que problemas de dimensão global, como a crise do petróleo vivenciada na década de 1970, ligada ao surgimento das transportadoras, seguindo a lógica de uma nova estrutura, a de padronização e especialização dos serviços, interferem diretamente no espaço local, mostrando a conectividade existente entre os espaços, motivada/motivadora pela/da extrema mobilidade e necessidade do capital. O novo paradigma técnico científico informacional age sob o escopo e dinâmica da economia, favorecendo uma economia global e promovendo uma nova onda de concorrência.

Com o aumento do preço dos combustíveis e da concorrência com o surgimento das transportadoras, os caminhoneiros são obrigados a buscarem novas alternativas de renda. Sem interesse de trabalharem com atividades agrícolas, buscam em outros locais possibilidades de melhoras econômicas. Inicia a constituição de sujeitos de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo voltados ao trabalho com estabelecimentos de alimentação e a formação de uma rede migratória, ligada ao trabalho com estabelecimentos de alimentação, que vem a influenciar deveras no espaço geográfico local, tanto na temática econômica, social, cultural e de reconhecimento.

A escolha do trabalho com alimentação está diretamente ligado ao conhecimento proporcionado pelo trabalho com caminhões. Não querendo retornar para a pequena propriedade, dado às dificuldades da época, pois segundo Alcides Caumo

Nós sabemos, né? De toda a dificuldade da pequena propriedade da época. Vamos voltar pra roça e esses nossos brescienses conheciam esses restaurantes de beira de estrada, a maioria propriedade de portugueses. A grande maioria eram portugueses proprietários de restaurantes de beira de estrada daqui a São Paulo. E já muitos conhecidos porque paravam nestes restaurantes e começaram a oferecer. Pô, sabe de uma coisa? Eu vou trabalhar, vou buscar tentar negociar ou trabalhar neste restaurante. E aí que foram os primeiros, aqui da região de Coqueiro Baixo os Ongaratto, de Nova Bréscia os Laste e outros, que foram os pioneiros.

As experiências ao longo das estradas com os caminhões parece tornar seguro o trabalho com restaurantes, fenômeno que vai transformar o espaço local. Isso, pois após o estabelecimento dos primeiros sujeitos voltados ao trabalho com restaurantes, outros sujeitos começam a seguir o mesmo processo de emigração, constituindo uma rede migratória envolta ao trabalho com restaurantes, churrascarias, onde mais de 50%, principalmente jovens da zona rural, saíram devido ao sucesso alcançado trabalhando em churrascarias e restaurantes de todo o Brasil e do exterior. (PARLA BRÉSCIA, 1995).

A formação da rede migratória e o papel das churrascarias.

A passagem do trabalho com caminhões para atividades com restaurantes na década de 1970 foi motivada pela crise dos combustíveis e o surgimento de empresas especializadas no transporte de mercadoria. Assim, instaurou um novo movimento no município, o dos churrasqueiros.

O início da saída de sujeitos do lugar para trabalhar com o ramo de alimentação, em especial as churrascarias, foi iniciado por Albino Ongaratto, em meados da década de 1960. Agricultor do município de Nova Bréscia, resolveu emigrar, dada as dificuldades enfrentadas na agricultura familiar, direcionando-se para o interior do estado de São Paulo, mais precisamente a cidade de Registro. Ali fundou a Churrascaria Jacupiranga, iniciando assim a emigração de sujeitos que se tornaram churrasqueiros.

Atualmente estima-se que, mais de 10 mil brescienses estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo em diversas atividades. Destacam-se principalmente no ramo de churrascarias e restaurantes, que seguiram o exemplo de Albino Ongaratto, de Linha Alegre, que resolveu largar a enxada, a luta contra terrenos montanhosos, as picadas imprevisíveis nos meses de inverno e a força indomável da prodigiosa natureza, dando assim início a um maciço êxodo rural, que podemos chamar como a saga dos churrasqueiros. (PARLA BRÉSCIA, 1995, p.17).

Iniciado por Albino Ongaratto e fortalecido pelas dificuldades econômicas, consubstancia-se o início da formação de uma rede migratória de sujeitos de Nova Bréscia ligada ao ramo de churrascarias. Segundo dados da Prefeitura Municipal do ano de 2006 e de informações coletadas pelas entrevistas estimam-se que mais de seis mil sujeitos, em sua maioria jovem oriundos do espaço rural, estão distribuídos por vários lugares no Brasil e no exterior trabalhando em churrascarias.

Com o surgimento das primeiras churrascarias, outros caminhoneiros trocaram o ramo de atividades de transporte pelo ramo de atividades de alimentação, pois como menciona a Professora Dialva Martini Fontana¹¹

[...] não estavam tendo lucro com os caminhões e lá eles estavam percebendo que as churrascarias era uma coisa que dava dinheiro para eles, que era um ponto onde eles sabiam que tinha muita gente indo, né? Então resolveram direcionar suas atividades na perspectiva de alcançarem melhores condições financeiras.

A partir de então, efetiva-se no município o que em Nova Bréscia se chama o ciclo dos churrasqueiros, gerando a emigração de sujeitos, provocando significativo êxodo rural, uma vez que a maior parte deles residia no espaço rural.

No entanto, um elemento diferente e importante está presente na forma que se estruturou o processo de emigração, quando comparado com a emigração ocorrida no restante do país. No Brasil, de maneira geral, a migração ocorreu de sujeitos em direção aos centros urbanos, sem saber ao certo que atividades iriam desenvolver no novo local. Diferentemente, em Nova Bréscia, a emigração foi marcada por um direcionamento das atividades dos jovens novo local, ou seja, eles saíam do município com destino certo, trabalho garantido e muitas vezes o salário definido como podemos observar na fala da Professora Dialva Martini Fontana.

O êxodo nosso não foi um êxodo igual aos outros. Foi um êxodo onde saiu com um lugar certo, um lugar para morar, um emprego garantido. [...] Os nossos saíram com lugar, com destino certo, emprego garantido.

Assim, compreendemos que o elemento presente para que a emigração dos sujeitos de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo seja diferente da migração ocorrida no restante

¹¹ Professora de Geografia da Escola Estadual de Ensino Médio Nova Bréscia e pesquisadora sobre o tema êxodo rural no município de Nova Bréscia.

do Brasil é a necessidade das churrascarias por significativa mão de obra, fazendo com que os proprietários de churrascarias por conhecerem e confiarem nos seus conterrâneos buscassem novos sujeitos no lugar para trabalharem em seus estabelecimentos, constituindo uma rede migratória tendo como *nó* as churrascarias, como menciona Jacinto Dal Soller, proprietário da Churrascaria Beverly Hills e ex-funcionário da Churrascaria Porcão.

É que eles precisavam de gente para trabalhar, e tinha um monte de gente lá das “grotas” que trabalhavam lá. Daí uns me convidaram para ir trabalhar. Disseram que era, dava dinheiro e que o Rio de Janeiro era muito bom. Muita coisa nova, diferente.

Como estamos abordando um tema em que está envolvida uma gama de sujeitos/atores, é importante o entendimento de mobilidade e qual a perspectiva que estamos partindo. Assim, entendemos a mobilidade não como um simples deslocamento físico do sujeito, mas sim, as relações constituídas pelos sujeitos no novo lugar, e os motivos imbricados no processo de mudança e escolha do novo lugar.

Nesse sentido, a rede migratória trata-se de um movimento ligado em muito a perspectiva econômica, na busca por trabalho, por novas oportunidades, movidos em muito pela busca do capital, pois os sujeitos que migram são movidos por interesses econômicos como colocado por Jacinto Dal Soller, proprietário da Churrascaria Beverly Hills em entrevista realizada por nós.

O motivo é a sobrevivência. Batalhar pra gente ver se conseguia algo melhor, pois do jeito que vivíamos não dava. Fomos atrás de outros serviços, porque na colônia não dava mais. Vou te dizer, tu acha que é fácil trabalhar na roça sol a sol e não ter dinheiro no final de semana para sair? E pior, nem tinha o que fazer lá.

Claro que não analisamos estritamente o movimento migratório de churrasqueiros pela lógica economicista, mas compreendemos que a migração possui primeiramente uma base econômica, que se constitui em nossa pesquisa, pelas dificuldades enfrentadas no lugar, tendo nas churrascarias os sujeitos uma oportunidade de melhoras financeiras.

Isso, pois, a migração como um deslocamento de sujeitos que leva a mudança de lugar e a mudança de atividades em que estão envolvidos é um meio para que os migrantes possam alcançar seus objetivos, que em sua maioria são a busca por uma estabilidade na vida, pois

[...] migração em sentido estrito, onde a mobilidade é mais um meio do que um fim, uma espécie de intermediação numa vida em busca de certa estabilidade (em sentido amplo), certamente não poderá ser vista simplesmente como um processo de “desterritorialização”. (HAESBAERT, 2006, p.245).

As churrascarias, com todas as evidências colocadas, nos levam a compreender a formação de uma rede local, que estimula/favorece a formação de fluxos de sujeitos, levando a formação de novas territorialidades, uma vez que compreendendo a construção de territórios pelo movimento e a mobilidade como um meio para alcançar uma certa estabilidade na vida, temos a constituição de diversos níveis de territorialização numa escala temporal e espacial.

Assim, a constituição da rede migratória no município de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo possui como ponto chave (os nós da rede) as churrascarias, que são o espaço possibilitador para os sujeitos do lugar procurarem melhores condições de vida, partido da premissa de que os sujeitos imersos na rede, se deslocam por motivos econômicos na busca de novas oportunidades, sendo as churrascarias um *espaço* de possibilidades, vivenciando nesse caminho situações de desterritorialização; diferenciadas

em cada um, dado “o tipo de relação que ele continua mantendo com o espaço de partida”. (HAESBAERT, 2006, p.247).

Ou seja, pela rede os sujeitos reconstróem suas relações e seus vínculos territoriais, buscando uma relação entre os dois lugares, constituindo uma nova territorialidade, diferente do seu lugar de origem e do seu lugar de chegada, mas influenciada por ambos os lugares, constituindo conforme afirma Castrogiovanni (2004) um entre-lugar, nem aqui e nem lá, onde a memória do lugar de origem do emigrante funde-se a memória do novo lugar, pois “mesmo que uma pessoa migre sozinha, ela faz parte de um processo social que, fundado primeiramente no seu local de origem, reconstrói-se tanto na própria sociedade de origem quanto na de destino.

Avançando no ponto da constituição das churrascarias e o fato de entendermos que estas se tornam o novo elemento responsável para a saída de sujeitos de Nova Bréscia; são vistas como um *espaço* de possibilidades, proporcionando o aumento da emigração no município.

Associado aos problemas enfrentados com a pouca disponibilidade de terras, a falta de empregos e a falta de perspectivas que os sujeitos enfrentam no lugar, as churrascarias representam uma oportunidade, ligada a necessidade destas de mão-de-obra em seus estabelecimentos, e a prioridade dos proprietários de terem trabalhando em seus estabelecimentos empregados que tenham algum vínculo territorial, pois o

[...] trabalho nas churrascarias é árduo e necessita de muitas pessoas. Por isso, depois que um filho sai de casa para trabalhar em churrascarias, acaba levando junto irmãos e primos. (PARLA BRÉSCIA, 1994, p.13)

Nesse sentido, a rede migratória está associada:

- ao vínculo territorial, na busca de familiares e jovens para trabalhar em seus estabelecimentos dado a necessidade de mão-de-obra no trabalho com as churrascarias;
- a poder ser um *espaço* de possibilidade para os sujeitos que pretendem alcançar uma estabilidade na vida;
- a falta de oportunidades no lugar para os sujeitos que ali residem, buscando estes a mobilidade espacial como forma de buscarem a mobilidade social.

Sobre esse último ponto é importante destacar, que não necessariamente a mobilidade espacial proporciona a mobilidade social, pois nem todos os sujeitos que migraram para trabalhar em/com churrascarias conseguiram prosperar economicamente, ao ponto de que muitos acabaram retornando para o município.

No entanto, em nosso trabalho, procuramos fugir do determinismo econômico, compreendendo que a busca pelo capital é um importante elemento no movimento dos sujeitos em seu processo de mobilidade espacial. Desse modo, damos ênfase aos contatos tecidos no trajeto realizado pelo sujeito, bem como as relações de sociabilidade e a articulação interna e externa existente entre os migrantes e a importância da churrascaria nesse processo.

Assim, no processo de formação das redes migratórias ligadas as churrascarias, vemos o quão interessante é a articulação dos sujeitos presentes na rede e a importância da churrascaria como nó de ligação entre os sujeitos que constituem a rede migratória do município de Nova Bréscia, uma vez que a migração

[...] ocorre ancorada nos laços das redes pessoais de relações, as quais, por sua vez, propiciam a circulação de informações e pessoas, aliciando, amenizando e facultando a travessia e o alojamento do migrante desde o seu lugar de origem até o país de destino. Táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais. (SANTOS, 2005, p.53).

Dessa maneira, as churrasarias são agentes importantes no processo de retransformação do Espaço Geográfico de Nova Bréscia e Coqueiro Baixo, dado o fato de que se não fosse a constituição da rede migratória ligada ao trabalho em churrasarias, acreditamos que a intensidade no processo emigratório teria sido muito menor. A presença e o fortalecimento de redes sociais são tão importante e decisiva quanto à oferta de trabalho no processo de mobilidade espacial, como destacam os Professores Alcides Caumo e Dialva Martini Fontana

E aí foi um levando o outro e, assim, depois toda aquela história, né? Que nós temos de fato, né? Nova Bréscia emancipou-se aqui em 1965 com 11 mil habitantes. E hoje nós estamos, em 2008, com 3 mil.¹²

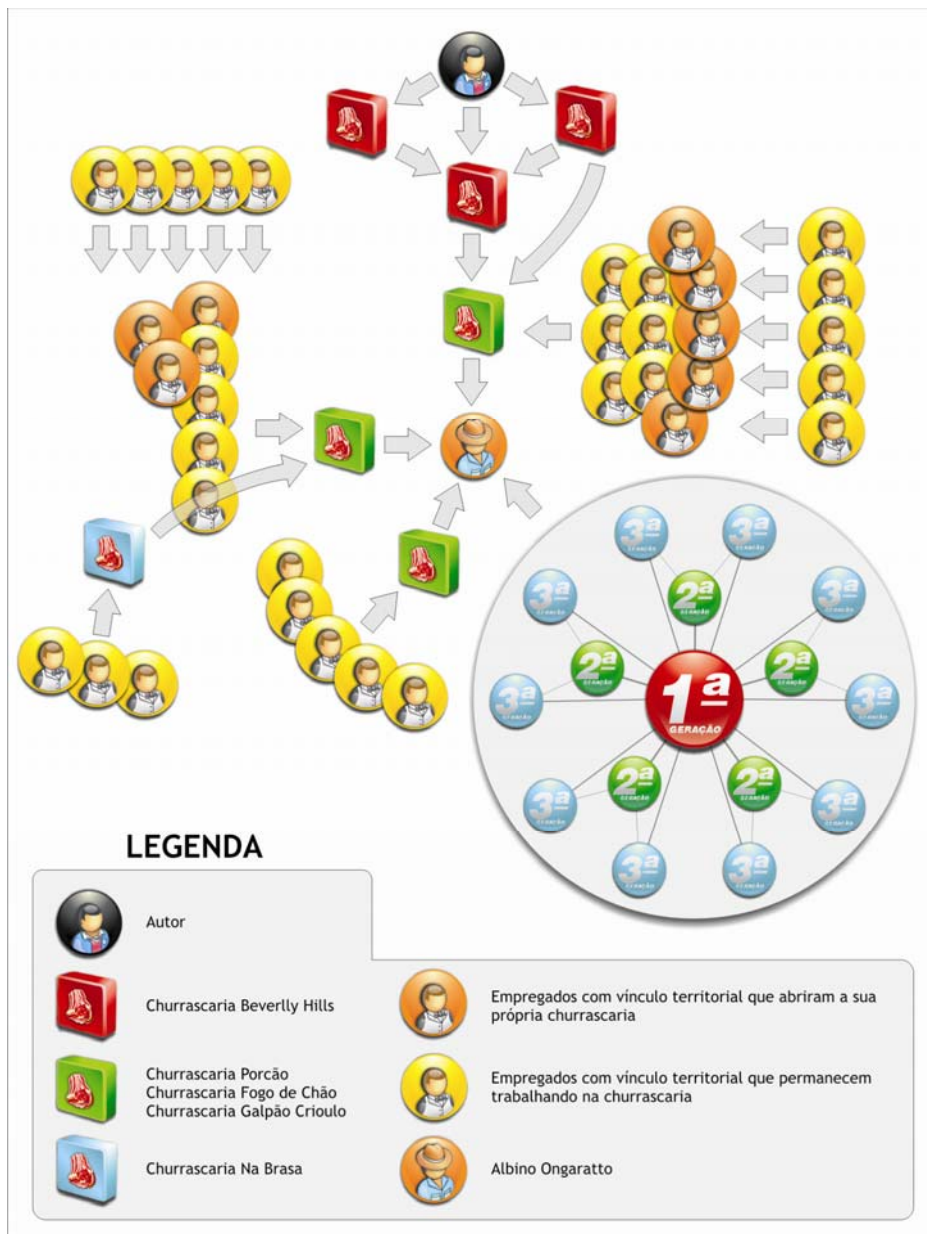
[...] levaram o pessoal daqui para ajudar. E aí esses que foram acabaram colocando os meninos que tinham ido como gerentes, chefes ou responsáveis e vinham buscar outros e assim foi, tendo uma continuação.¹³

Com a intenção de esboçar a existência da rede migratória, tomamos como estudo algumas churrasarias. O ponto de partida foi o próprio autor, que fez parte da rede migratória ligada ao trabalho em churrasarias, não diretamente ligado a uma churrasaria cujo proprietário é de Nova Bréscia, mas que possuem indiretamente ligações com Nova Bréscia, podendo ser visualizado pela figura a seguir.

Figura 2: Representação da rede de solidariedade ligada ao trabalho com churrasarias.

¹² Trecho extraído de entrevista com o Professor Alcides Caumo realizada em 21/11/2008.

¹³ Trecho extraído de entrevista com a Professora Dialva Martini Fontana realizada em 14/11/2008.



Fonte: Neudy Alexandro Demichei

Ao nos deslocarmos para Porto Alegre a fim de realizar os estudos, necessitávamos de uma renda que argüísse com os custos na cidade. A saída encontrada foi procurar alguns primos, proprietários da Churrascaria Beverly Hills. Nascidos na área rural do município de Relvado, localizado próximo a Nova Bréscia, permaneceram trabalhando na agricultura até sua adolescência, quando um deles (Jacinto Dal Soller), a convite de um amigo que estava trabalhando na Churrascaria Porcão, no Rio de Janeiro, o levou para trabalhar. Passado um ano, retornou e levou para trabalhar seu irmão Aristeu Dal Soller. O plano deles era o de adquirir uma poupança e abrir seu próprio estabelecimento na cidade de Porto Alegre, o que aconteceu no início da década de 1980.

Quando da abertura do primeiro estabelecimento em Porto Alegre, trouxeram para trabalhar com eles seus irmãos e alguns conhecidos que moravam no município de Relvado. Com o bom desenvolvimento econômico do estabelecimento, foram abrindo filiais, necessitando de mais empregados, muitos advindos de seu local de nascimento. Como coloca Jacinto, o precursor desse processo, os empregados vinham, trabalhavam determinado tempo até guardar uma quantidade de divisas o suficiente para abrirem seu próprio estabelecimento, geralmente lancherias ou bares.

Por sua vez, os proprietários da Churrascaria Porcão, nascidos em Nova Bréscia, migraram em direção ao estado do Rio de Janeiro para trabalhar em churrascarias de Albino Ongaratto. Os primos e sócios proprietários Neodi e Valdir Mocellin após alguns anos trabalhando de empregados, no ano de 1975 abriram sua primeira churrascaria, com o nome de Churrascaria Rio Grande do Sul, que mais tarde passaria a se chamar Churrascaria Porcão.

Além dos proprietários da Churrascaria Porcão, reconhecida atualmente com uma das casas mais famosas que servem o churrasco, temos a Churrascaria Fogo de Chão, cujos proprietários são nascidos no município de Nova Bréscia e também trabalharam inicialmente em churrascarias de Albino Ongaratto.

Neste momento cabe destacar um dentre os funcionários da Churrascaria Porcão, Lemir Magnani, nascido na mesma cidade que seus antigos empregadores, após quinze anos trabalhando na cidade do Rio de Janeiro, retornou a cidade de Porto Alegre fundando a Churrascaria Na Brasa no ano de 1990, possuindo empregados que são nascidos no município de Nova Bréscia ou arredores.

Outro exemplo de grupo familiar oriundo de Nova Bréscia que se dedica ao trabalho com churrascarias é a Família Laste.

O processo foi iniciado por Gilberto Laste, que na década de 1970 foi para a cidade do Rio de Janeiro trabalhar numa churrascaria de Albino Ongaratto. Passados alguns anos, após o aprendizado do trabalho com churrascarias, resolveu retornar para o Rio Grande do Sul, abrindo uma churrascaria na cidade de Porto Alegre.

Segundo entrevista concedida por Cleci Laste, que foi casada com Gilberto Laste,

Ambos cresceram como profissionais do ramo e administradores de churrascarias. Os planos sempre foram trabalhar em outros estados e trazer dinheiro para o Sul, investindo em churrascarias. Em Porto Alegre, construíram a Moinho de Ventos e, com muita dedicação e amor, a Galpão Crioulo.

A Churrascaria Galpão Crioulo, localizada junto ao Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, na Estância da Harmonia, na cidade Porto Alegre/RS, foi criada em 1984. Segundo o site da churrascaria e através de informações adquiridas com seus atuais proprietários¹⁴.

Os fundadores são originários de Nova Bréscia, cidade localizada no Vale do Taquari, no estado de Rio Grande do Sul. Todos passaram por estágios nas principais churrascarias do Rio de Janeiro e São Paulo, buscando aprimorar seus conhecimentos gastronômicos no setor. Retornando ao Estado em 1980, fundaram em Porto Alegre a Churrascaria Moinhos de Vento, localizada no bairro que leva o mesmo nome.

Com a inauguração das duas churrascarias, Gilberto Laste, precisando de mão-de-obra trouxe para trabalhar com ele seus irmãos e jovens de Nova Bréscia. Porém, no ano de 1998, Gilberto Laste, faleceu num acidente de automóvel quando retornava de Nova Bréscia em direção a Porto Alegre.

Enquanto isso, Jorge Luis e Giovani Laste, no ano de 1990 migraram em direção a cidade de São Paulo, para trabalhar em churrascarias de proprietários de Nova Bréscia, inaugurando no ano de 1993 a Churrascaria Vento Haragano.

Através das informações com os proprietários das churrascarias mencionadas, ambos colocaram que possuem empregados que são do mesmo local de nascimento que os deles, e de que a preferência por estes é uma realidade. Contudo, diferente de quando eles saíram para trabalhar em churrascarias, atualmente a exigência pela qualificação do

¹⁴ A Churrascaria Galpão Crioulo não pertence mais a Família Laste. Esta foi vendida a ex-funcionários oriundos de Nova Bréscia.

empregado se faz presente, algo não existente em sua época. Por outro lado, recentemente está mais difícil de conseguir empregados oriundos de seus municípios, movido por dois motivos; o de menor mão-de-obra disponível quantitativamente e o de jovens apresentarem outros interesses, como o de continuar seus estudos e realizar um curso superior.

Considerações preliminares

Pensando a migração como um processo social organizado, como aparentemente demonstrado pelos exemplos colocados, e tendendo a ser cumulativo com o passar do tempo, vários são os mecanismos que podem constituir e fortalecer o movimento populacional, sendo marcantes no caso das churrascarias os laços de parentesco ou de vínculo territorial como importante elemento organizador do movimento dos sujeitos. Uma vez que a ligação com familiares e com sujeitos que possuam o mesmo vínculo territorial é um importante fator para gerar segurança dentro da rede, como esboçado na figura acima, pensamos que toda e qualquer mobilidade espacial provoca nos sujeitos reações de estranhamento e preocupação.

Seguindo o pensamento de que a rede de emigrantes consiste em ligações sociais, entendemos que a constituição de rede migratória através das churrascarias se deve a existência de uma rede pessoal ou redes pessoais que estavam presentes antes da própria formação das churrascarias. Concepção de rede ligada a um conjunto de relações interpessoais entre sujeitos, envolvendo relações sociais de proximidade, parentesco, amizade e poder, com a presença do espaço geográfico como ponto fundamental na constituição das redes de solidariedade, como uma *espécie* de identificador. A rede não apenas como desenvolvimento econômico, mas também como envolvimento social.

Com o desenvolvimento das churrascarias e a necessidade de mão-de-obra, a rede pessoal existente no município de Nova Bréscia se torna elemento chave na busca por empregados para trabalhar nas churrascarias, pois os proprietários buscam em Nova Bréscia e/ou municípios próximos jovens que possuem alguma ligação direta ou indireta com sua família para trabalhar nas churrascarias.

Nesse sentido, a formação de uma rede de solidariedade no município de Nova Bréscia traz facilidades aos sujeitos que dela pertencem, uma vez que “pertencer à rede social implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua travessia, desde sua partida até a hospedagem no local de destino e a garantia do emprego. (SANTOS, 2005, p.55).

Porém observamos uma contradição que nos chama a atenção. De um lado a rede de solidariedade ligada às churrascarias funciona como um elemento oportunizador para os sujeitos, em seu processo de mobilidade espacial e social. Por outro, a rede pode ser um elemento de aprisionamento, quando os sujeitos que nela estão inseridos se tornam dependentes a outros sujeitos, principalmente aos nós/receptores da rede. Ou seja, os empregados dependem dos interesses dos proprietários.

A compreensão da rede como aprisionamento se deve a observações empíricas realizadas por nós, onde o sujeito que saiu para trabalhar na churrascaria não teve um comportamento dentro do padrão esperado pelo proprietário, que está baseado nos preceitos de trabalhar sem sindicalizar os colegas de trabalhos, sem reclamar dos ganhos salariais e o de não prejudicar o empregador, como o caso de roubo de dinheiro ou o de mau atendimento aos clientes. O proprietário entrou em contato com a família desse empregado e relatou os fatos ocorridos. Tal acontecimento faz com que o sujeito e a própria família não seja bem vista pela população local, além da dificuldade deste de conseguir emprego em outra churrascaria em que os proprietários tenham vínculos com o proprietário da churrascaria em que realizou atitudes não condizentes, pois os proprietários de churrascarias que são de Nova Bréscia e municípios próximos geralmente mantêm relações sociais entre si.

Mas, existe o outro lado da rede como aprisionamento. Se o proprietário não pagar direito o seu funcionário, este poderá muito bem ligar para sua família ou conhecidos e mencionar o ocorrido, fazendo com que os próximos sujeitos que queiram entrar na rede migratória procurem outra churrascaria para trabalhar, fazendo com que a churrascaria em que o proprietário não paga de maneira correta os seus funcionários comece a ser deixada de lado pelos sujeitos da rede migratória.

Assim, “a rede social não comporta somente laços solidários/familiares [de proximidade]: comporta também constrangimentos, conflitos, imposições, regras e normas” (SANTOS, 2005, p.55), onde cada grupo constrói redes de solidariedade desde o seu local de origem até o seu local de destino com características próprias.

Dessa forma, as churrascarias são auxiliadas em muito pela rede migratória, pois os proprietários (nós da rede) a partir do crescimento econômico proporcionado pela aceitação das churrascarias pelos clientes e pela possibilidade de explorar a mão-de-obra; algumas começam a expandir seus negócios e partir para uma nova estratégia de mercado, que visa à ampliação de seus negócios através da abertura de novos estabelecimentos, constituindo um empreendimento em rede, com uma matriz e suas filiais, distribuídas por diferentes territórios, levando consigo a expansão do churrasco para os mais diferentes locais.

Bibliografia

BECKER, Olga Maria Schild. **Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (org). Explorações Geográficas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo. Paz e Terra. 1999.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo. Paz e Terra. 1999.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1995.

_____. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Redes, sociedade e territórios**. Santa Cruz do Sul. Unisc. 2005.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. Artmed. 2002.

HAESBAERT, Rogério da Costa. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2004.

_____. **Des-territorialização e identidade : a rede gaúcha no nordeste**. Niterói: Ed. da UFF. 1997.

HARVEY, David. **Condição pós moderna**. São Paulo. Loyola. 1999.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo. Annablume. 2005.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. “**Território, Integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social**”. In: Ribas, Alexandre Domingues; Sposito, Eliseu Savério; Saquet, Marcos Aurélio (Orgs). Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão. Unioeste. 2004, p. 37-66.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. Porto Alegre. Sulina/EDIPUCRS. 2001.

_____. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2006.

MUSSO, Pierre. **A Filosofia da rede**. In: PARENTE, André (org). Tramas da rede. Porto Alegre. Sulina. 2004.

OLIVEN, Ruben George. **Fatores históricos da identidade do gaúcho**. In: Simpósio Paese Natio-Zweite Heimat (2000: Porto Alegre, RS). Paese Natio-Zweite Heimat. Porto Alegre

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo. Editora brasiliense. 1994

_____. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo. Olho D'água. 2005.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo. Unesp. 2002.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Redes e território: reflexões sobre a migração**. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Redes, sociedade e territórios. Santa Cruz do Sul. Unisc. 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo. Edusp. 2004.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro. Record. 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. 2005. **Redes sociais: trajetórias e fronteiras**. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Redes, sociedade e territórios. Santa Cruz do Sul. Unisc. 2005.

Demais bibliografias:

Revista Parla Bréscia. Abril/94 a Abril/95